

Devoções e santuários Marianos na História do Paraná

Solange Ramos de Andrade

Professora Adjunta de História da Universidade Estadual de Maringá e bolsista produtividade pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná

Resumo: Neste texto objetivo refletir acerca da possibilidade de abordar a história local a partir da relação estabelecida entre a Igreja católica e o poder público no processo de constituição das cidades no Paraná, a partir da escolha de seus santos padroeiros. As devoções marianas chegaram ao Brasil com os portugueses no contexto da colonização e consequente processo de evangelização. Símbolo de uma religiosidade fortemente ancorada no papel da mãe protetora, que em determinados períodos “aparece” para alertar seus devotos acerca dos perigos do mundo, esta devoção foi apropriada pela autoridade eclesiástica e sua necessidade de apresentar uma memória oficial em sintonia com um projeto de implantação e manutenção da ordem social e política. Um dos desdobramentos desta estratégia eclesiástica é a de instituir a Virgem como padroeira do País, dos Estados e dos Municípios. Neste contexto os municípios possuem duas datas para comemoram sua existência: a de sua fundação e a de seu padroeiro. No Estado do Paraná, dos trezentos e noventa e nove municípios existentes, cento e sessenta e quatro têm como Padroeiras, as múltiplas denominações da Virgem Maria, como também abriga o santuário de sua padroeira oficial, Nossa Senhora do Rocio desde 1977.

Palavras-chaves: Santos padroeiros, Igreja católica, devoções marianas, história local.

Abstracts: In this text, my intention to reflect on the possibility of addressing the local history from the relationship established between the Catholic Church and government in the constitution of cities in Parana, from the choice of their patron saints. The marian devotions came to Brazil with the Portuguese in the context of colonization and the consequent process of evangelization. A symbol of religiosity is strongly anchored in the role of protective mother, who at certain times "appears" to alert his devotees about the dangers of the world, this devotion was appropriated by the ecclesiastical authorities and their need to submit an official memory in line with a project deployment and maintenance of social and political order. One of the consequences of this strategy is the ecclesiastic to establish the Virgin as

patron of the country, states and municipalities. In this context the counties have two dates to celebrate their existence: their foundation and that of his patron. In Paraná State, to three hundred ninety-nine existing municipalities, one hundred sixty and four have as patronesses, the multiple names of the Virgin Mary. and the shrine of their patron saint official, Nossa Senhora do Rocio since 1977.

Keywords: Patrons saints; Catholic Church; marian devotions; local history.

O Brasil nasceu sob o signo da cruz, se organizou, cresceu e tem prosperado, sempre protegido pela Mãe Santíssima, afetuosamente venerada e evocada com muitos títulos belos e expressivos (PIO XII, setembro de 1954).

Cidades do interior; quais marcos as identificam? Quando observamos as cidades existentes no Estado do Paraná, percebemos que a maioria apresenta a Igreja matriz, palco dos ofícios religiosos e sua praça, palco da vida cotidiana. Indicada como centro da cidade, a Igreja matriz revelava-se enquanto marco fundador; em seu entorno a praça adornada pelo coreto que, após a missa do domingo, ao som da banda se tornava o ponto de encontro das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos. Nela os vendedores de pipoca, balões, sorvetes, amendoins e paçocas faziam a alegria das crianças. Espaço de trocas, convivências, sociabilidades, a Igreja matriz e sua praça pertencem à memória coletiva da cidade e praças congregam uma comunidade não apenas religiosa, mas também social.

De acordo com Zenny Rosendahl (1999)¹, para interpretar a origem das cidades é preciso tratar igualmente da técnica, da política e da religião, sobretudo do aspecto religioso da transformação, dado que, no curso natural da gênese e evolução das cidades, o papel desempenhado pela religião é essencial. A necessidade de controlar o ambiente também deu mais autoridade àqueles que se ocupavam dessa função, como o sacerdote e o prefeito, por exemplo.

A memória católica está impregnada na sociedade brasileira, em suas tradições e práticas que podem ser identificadas nas festas de padroeiros. Meu objetivo é apresentar as possibilidades do desenvolvimento de pesquisas em história local a partir dos santos padroeiros dos municípios, especificamente as devoções marianas.

São *representações religiosas* que se agregam ao conjunto das construções imaginárias mediante as quais a sociedade, os grupos nesta sociedade e os indivíduos nestes grupos tratam de conferir um sentido à sua experiência cotidiana e representar sua origem e seu futuro (HERVIEU-LÉGER, 1996)².

As devoções marianas chegaram ao Brasil com os portugueses no contexto da colonização e conseqüente processo de evangelização. Símbolo de uma religiosidade fortemente ancorada no papel da mãe protetora, que em determinados períodos “aparece” para alertar seus devotos acerca dos perigos do mundo, esta devoção foi apropriada pela autoridade eclesiástica e sua necessidade de apresentar uma memória oficial em sintonia com um projeto de purificação e controle das devoções consideradas impróprias.

. Um dos desdobramentos desta estratégia eclesiástica foi a de instituir a Virgem como padroeira do País, dos Estados e dos Municípios. Neste contexto os municípios possuem duas datas para comemoram sua existência: a de sua fundação e a de seu padroeiro.

No Estado do Paraná, cuja padroeira oficial é Nossa Senhora do Rocio desde 1977, dos trezentos e noventa e nove municípios existentes, cento e sessenta e quatro têm como Padroeiras, as múltiplas denominações da Virgem Maria. As principais padroeiras são: Nossa Senhora Aparecida (39 cidades), Nossa Senhora da Conceição (24 cidades), Nossa Senhora de Fátima (16 cidades) e Nossa Senhora das Graças (12 cidades) (ANEXO I). No total são quarenta denominações marianas existentes no Estado. Agregada a este quadro, encontra-se também a devoção à Padroeira do Paraná, Nossa Senhora do Rocio, cujo santuário ‘situado na cidade de Paranaguá, é administrado pela Congregação do Santissimo Redentor, ou Redentoristas.

São inúmeras as denominações de Maria cujos títulos estão associados a diferentes características da Mãe de Deus e aos fatos de sua vida:

- títulos ligados aos dogmas, como Maternidade Divina, Imaculada Conceição, Virgindade Perpétua, Assunção;
- devoções ligadas a momentos de sua vida como, Anunciação, Natividade, Desterro, Apresentação, Visitação, Dores;
- títulos ligados a traços de sua personalidade e dons, como, Auxiliadora, Alegria, Consolata, Piedade, Graças, Glória, Imaculado Coração;
- títulos ligados a santuários e imagens especiais, como Aparecida, Candelária, Altagracia, Almudena, Lapa, Loreto, Penha, e;

- títulos ligados às aparições, como Medjugorje, Fátima, Guadalupe, Salette, Lourdes, dentre outras³.

O catolicismo brasileiro tem muito fortemente enraizado em sua organização a devoção a Maria e aos santos. Os santuários marianos são referências centrais que recebem anualmente milhares de romeiros, e suas devoções marianas ocupam lugar de primeira grandeza na crença católica tornando as inúmeras representações da Virgem Maria um elemento indispensável de adesão católica.

Longe das grandes cidades, em cidades do interior do país, comunidades inteiras continuam a cultivar os seus padroeiros e uma pequena multidão de santos, com ou sem a necessidade da presença de sacerdotes oficiais. As festas para o padroeiro constitui data importante em seu calendário.

A devoção mariana trazida pelos portugueses foi em grande parte responsável pela divulgação do catolicismo no período colonial, pós tridentino, com duas características, ainda hoje marcantes por este Brasil afora: a institucional e a devocional.

O catolicismo institucional, controlado pela hierarquia eclesiástica, é baseado nas celebrações de missas, a recepção dos sacramentos, dogmas, aprofundamentos teológicos, no qual Nossa Senhora figura enquanto padroeira das cidades e dá nome a várias paróquias. É esta hierarquia que irá assumir o discurso legitimador do culto nos santuários marianos, como é o caso da devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Já o catolicismo devocional, composto pelas novenas, romarias, reza de terços, milagres, culto aos santos e aparições marianas, prescinde de discursos elaborados, pois o aspecto lúdico é essencial e o contato com os Santos e a Virgem não se dá via instituição, mas a partir de uma relação íntima e pessoal do devoto com o sagrado.

Essas formas não se encontram separadas, estanques. Convivem lado a lado em devoções que são legitimadas pela Igreja católica, mas que possuem um apelo devocional expressivo, como é o caso das festas a Nossa Senhora Aparecida (SP) e Nossa Senhora do Rocio (PR).

Por possuir uma simbologia extremamente rica, o nome da Virgem aparece relacionado a várias situações e aspectos que dependem das representações que os grupos apropriam. Neste caso específico, quero apresentar a possibilidade de abordar a história local a partir da instituição da Festa do Padroeiro em que a figura de Nossa Senhora é majoritária.

É no período medieval⁴, que a devoção à Virgem invadiu a piedade cristã:

Desdobraram-se as festas do Calendário Litúrgico e da denominação “Santa Maria”. Surgiram múltiplas invocações a Nossa Senhora; tornou-se popular o ofício menor de Nossa Senhora, e o Sábado, em honra de Maria, fixou-se como uma instituição universal. Criaram-se hinos, orações (Ave-Maria) e surgiu a devoção do Rosário, das ladainhas, do “Angelus”. (COELHO DIAS, 1987, p. 228)⁵.

Na Europa, com o advento do protestantismo, no século XVI, e suas duras críticas às práticas devocionais marianas, a Igreja católica incrementou o culto e a devoção a Nossa Senhora; estabeleceu novas festas, como a do Rosário, a das Mercês, a do Nome de Maria e, no século XVII, instituiu a prática de coroar as imagens de Maria e proclamá-la Rainha de países como Portugal, França e Espanha. Também fundou ordens religiosas consagradas a Nossa Senhora sob diversas invocações (COELHO DIAS, 1987).

É com esta carga devota que o culto a Nossa Senhora chega ao Brasil, incrementada pela vinda dos missionários que a adotavam como padroeira das congregações às quais pertenciam; os franciscanos, com Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Anjos; os dominicanos com Nossa Senhora do Rosário, os carmelitas, com Nossa Senhora do Carmo; os redentoristas com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; os salesianos com Nossa Senhora Auxiliadora; os capuchinhos e os claretianos com o Imaculado Coração de Maria e; os agostinianos, com Nossa Senhora da Consolação⁶.

Todas essas invocações se traduziam em medalhas, santinhos e criação de santuários, igrejas e imagens. Este adesão terá um aspecto relevante quando da escolha do Padroeiro das cidades nas quais estas ordens se estabelecem.

A partir do século XIX, a devoção mariana apresentou significativo crescimento com a criação dos meses de Maria e do Rosário, a renovação das confrarias do Rosário, a valorização das congregações e pias associações marianas, o estabelecimento de festas como a do Imaculado Coração de Maria, a de Maria Auxiliadora, a de Maria Medianeira de Todas as Graças e a da Maternidade Divina de Maria.

O século XIX também marca o surgimento de novas congregações religiosas sob a invocação de Maria: os missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, os oblatos de Maria Imaculada, os Maristas e as Servas de Maria. Do século XIX ao XX assistimos a uma era privilegiada das aparições legitimadas de Maria, dentre as quais La Salette (1846), Lourdes (1858) e Fátima (1917), e suas respectivas devoções baseadas nos cultos sem legitimação.

No final do século XX e início do XXI, as aparições marianas ganham contornos apocalípticos como é o caso de Medjugorje (1981) e Anguera, no Estado da Bahia (1987).⁷

Sanchis (1992)⁸, ao estudar as romarias portuguesas, apresenta variedades de santos cultuados em Portugal. Ele identifica 216 romarias distribuídas pelo território português. Dessas, 99 são consagradas ao culto de Nossa Senhora, 83 a um santo ou santa, 20 a Cristo; já o Espírito Santo é celebrado em 14 santuários portugueses. Destaca-se a invocação à Virgem Maria sob 68 títulos diferentes.

Costa e Costa (s.d.)⁹ apresentam uma síntese analítica da aplicação dos modelos de secularização e clericalização para estudos das festas religiosas portuguesas, utilizando as variáveis *sagrado* e *profano* que, de acordo com os autores, permitem “apreender o que de essencial comporta esse fenômeno religioso, organizando-se a informação de forma a salientar as matrizes essenciais das representações neles contidos” (COSTA E COSTA, s.d., p. 2).

A coexistência dos poderes religioso e político marca presença nas festas religiosas tanto de herança espanhola quanto de herança portuguesa. Em dimensões atuais, no Paraná, as festas de padroeiros ainda conseguem ser um “lugar” de visibilidade política para os grupos dominantes. Nota-se a participação de autoridades e lideranças políticas, em maior ou menor expressão, presentes nessas festas e a relação entre o santo e o povo era mediada pelo poder eclesiástico, criando um modo de religiosidade que coadunava com a ideia de organização da sociedade em funções distintas e conseqüentemente desiguais.

Longe de constituir um conjunto amorfo de práticas e crenças, a devoção aos Santos Padroeiros forma parte de um complexo “dispositivo” que permite aos crentes construir um sentido para “as decepções, as incertezas e as frustrações da vida cotidiana”¹⁰.

É importante lembrar que o catolicismo brasileiro foi construído historicamente mediante o trabalho das missões, das ordens religiosas e seu capital na educação, das paróquias e dos movimentos laicos. Também é importante destacar a persistência de um catolicismo que celebra particularmente o culto às diversas denominações da Virgem e das festas dos santos, por meio de procissões e romarias, que dão sentido a diversas comunidades emocionais, que vivem uma experiência individual do sagrado.

Podemos encontrar esses dois movimentos, o institucional e o devocional no santuário de Nossa Senhora do Rocio, administrado pelos redentoristas, situado na cidade de Paranaguá, PR. A partir dele poderemos levantar questões como a partir da afirmação de Michel de Certeau:

[...] esta atualização é uma descontinuidade, se separa do passado por um desnível fundamental das situações, se as respostas dadas por uma linguagem religiosa se tornam descrentes, se a relação com o outro é hoje, como ontem, essencial à constituição do sujeito individual ou coletivo, se os relatos que surgem falam sem a crença que os expressava (CERTEAU, 1994, p. 244)¹¹.

Enquanto possibilidades de abordagem das devoções marianas, as análises podem ser feitas a partir dos seguintes aspectos:

1- da força das congregações religiosas nas devoções e suas especialidades e suas relações com a sua instalação na região: a- redentoristas: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Administração do Santuário em Curitiba); b- dominicanos: Nossa Senhora do Rosário; c- franciscanos: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Anjos (vide Anchieta); d- carmelitas: Nossa Senhora do Carmo; e- lazaristas: Nossa Senhora Auxiliadora; f- capuchinhos e claretianos: Imaculado Coração de Maria.

2- das várias denominações da Virgem, atentando para o estabelecimento de uma geografia mariana, quando seu nome está associado a: a- cidades, serras, vales, campos: Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora de Monte Claro; b- aparições e milagres: lugares nos quais foi encontrada a imagem: Aparecida, Fátima, Lourdes, Pilar, Caravaggio, Rocío; c- populações ribeirinhas e de beira-mar: do Porto, dos Navegantes; d- por caráter homeopático/protetor/intercessão: Amparo, Medianeira, da Guia, do Bom Sucesso, Perpétuo Socorro, Consolata; e- aspectos de sua vida: N. S. Bom Parto, Belém, Desterro, das Dores, das Candeias (ou Purificação); f- caráter litúrgico e/ou dogmático: Conceição, Assunção, Mãe de Deus, Purificação, Natividade, das Graças (medalha milagrosa), da Glória, do Rosário. Mãe de Deus, do Sagrado Coração, da Assunção, Mãe da Igreja, Natividade, Imaculado Coração de Maria, Divina Pastora, Rainha, Imaculada Conceição, Conceição.

3- das festas marianas, destacando seu caráter estadual, regional, local: a- romarias: estabelecimento dos santuários marianos e sua história; b- festas de Igreja: são festas paroquiais orientadas para a promoção espiritual e afervoramento dos fiéis. São organizadas por congregações, pela paróquia, diocese, arquidiocese. Contam com pregações, novenas, missões, confissões, missa cantada, terço e procissão. Nelas o aspecto lúdico é secundarizado, destacando o caráter espiritual. Minha análise toma como base a tipologia das festas marianas em Portugal, realizada por Coelho Dias (1987, p. 248)¹², ao dividi-las em categorias: peregrinações, romarias, festas de Igreja e festas mistas. c- práticas de piedade e

devoção/secularização: analisar como ocorre as relações entre sagrado e profano a partir das festas. d- relação entre Santo Padroeiro/santuário: especificamente os casos de duas cidades: Curitiba, cuja Padroeira é Nossa Senhora da Luz e o santuário é o de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; e de Paranaguá, cuja Padroeira é Nossa Senhora do Rosário e o santuário é o de Nossa Senhora do Rocio; e- levantamento das padroeiras existentes na diocese; f- histórico do nome do município que leva o nome da Virgem.

A construção dos Templos nacionais marianos significou um importante meio de atualização do processo de romanização ou ultramontano sobre as devoções populares.

Juliana Beatriz Almeida de Souza afirma que por “ser única e ao poder tomar diferentes representações, Maria se consolidou como mediadora do povo cristão junto a Deus”¹³. Assim, o fato de possuir diferentes representações a tornou mais popular na devoção católica, tornando-a mediadora entre os homens e o sagrado.

Souza¹⁴ afirma que, com o movimento reformista se espalhando pela Europa, a contestar as figuras santificadas pela Igreja Católica, salvo o Cristo, o culto a Maria ganhou novo reforço e novo papel, escolhido como arma contra-reformista. Assim, o seu culto foi se transformando em símbolo da identidade religiosa, de fidelidade à Igreja Católica na luta contra os protestantes.

Diferenças à parte, a Igreja Católica da época moderna estava marcada pelo espírito do Concílio de Trento, pela defesa do catolicismo frente ao avanço protestante. Era uma Igreja inquieta com a distância que a separava dos fiéis. E foi pelo espírito da missão que o projeto da Reforma católica penetrou nas colônias ibéricas. A evangelização pôde, então, contar com uma imagem que era símbolo da discordância entre católicos e protestantes: a Virgem Maria. A expansão ocidental coadunava-se com as idéias de universalidade, integração e unidade, tão caras ao cristianismo da época moderna. A cristandade tinha uma dimensão social que devia ser cumprida.

Para Baeta Neves (1978)¹⁵, essa dimensão social refere-se à expansão do universo cristão no mundo profano, tirando deste a sua disformidade e traduzindo-o ao idioma missionário. Assim, territórios eram atravessados para anunciar o Evangelho, onde ele não era conhecido, impondo ao mundo uma homogeneidade ideológica.

O culto à Virgem tornava-se, com a expansão ultramarina, bandeira da conquista espiritual portuguesa, funcionando como poderoso elo entre a cruz e a espada. “A popularidade e fervor do culto da Virgem não perdeu nada com a emigração através dos Sete Mares e, se possível, teve tendência a aumentar” (BOXER, 1977, p.130).

Senhora dos mares, rainha da paz e da guerra, durante as cruzadas ajudara os cristãos na luta contra os infiéis e continuaria atuando nas guerras santas entre católicos e protestantes. Mas, se no contexto da Reforma católica sua imagem e força estavam ainda ligadas à sua presença e intervenção nas batalhas, o espírito contra-reformista encontraria eco em uma devoção que, como pretendo sugerir, punha em relevo questões importantes para a Igreja Católica. Refiro-me à devoção ao rosário, método de oração e meditação ensinado, segundo a tradição, pela Virgem Maria e para seu louvor.

Nos centros de devoção podemos perceber o encontro entre o catolicismo eclesiástico e o catolicismo devocional. De acordo com Azzi (1979)¹⁶ a história das romarias brasileiras mostra justamente as fases do confronto entre a fé popular que quer expressar-se espontaneamente e a hierarquia eclesiástica que procura submetê-la ao seu controle.

Os primeiros centros de devoção e romaria constituíram verdadeiros pólos de irradiação missionário. Nos dias de festa, afluíam para a ermida não só grupos indígenas das redondezas, mas também portugueses e mestiços pobres, que residiam afastados dos povoados. Essas romarias eram incentivadas pelos religiosos e têm desde o início uma finalidade de catequese e evangelização (AZZI, 1979).

As romarias foram se constituindo de forma espontânea, na medida em que a fama dos milagres operados nas ermidas se divulgavam ao longo dos caminhos do interior. Normalmente, existia um eremita, como promotor da devoção, que proclamava, por onde passava, as graças e os prodígios da santa imagem. Segundo a tradição lusitana, a romaria incluía não apenas a visita à imagem do santo e o cumprimento das promessas, como também a convivência social, as festas e danças de arraial, as comidas e bebidas. A festa era um todo unitário em honra do santo, tanto nos aspectos sagrados como profanos (AZZI, 1979).

Em meados do século XIX, implantou-se uma reforma que visava moldar o catolicismo brasileiro ao Concílio de Trento, colocando-o numa total dependência à Santa Sé, segundo o espírito ultramontano da época. Dentre as deliberações da Santa Sé temos: os bispos passaram a ter completa autonomia na esfera religiosa; a multiplicação das sagradas missões e; o controle dos centros de devoção popular pelos bispos (AZZI, 1979).

O episcopado via, ao estabelecer o controle dos santuários, a possibilidade de prescrever uma contribuição de rendas dos santuários, quer para a manutenção dos santuários, quer das próprias dioceses e, ao confiar a institutos religiosos, a administração dos centros de romaria, os bispos intentavam “purificá-los dos abusos existentes” (AZZI, 1979).

Nos projetos esboçados em 1890 e explicitados em 1910, as ordens religiosas assumiram os seguintes santuários: em São Paulo, os santuários ficariam sob administração dos redentoristas alemães e padres premonstratenses; em Goiás, ficariam a cargo dos redentoristas alemães; em Minas Gerais, ficariam os redentoristas holandeses; na Bahia, ficariam os padres recoletos de Santo Agostinho e os capuchinhos italianos; no Pará, ficariam os barnabistas belgas.

Enquanto o esforço dos primeiros jesuítas portugueses do século XVI consistia em levar a mensagem religiosa dentro do contexto da religião popular, a atividade dos novos religiosos, vindos da Europa em fins do século XIX, endereçava-se em enquadrar a expressão de fé popular dentro dos moldes do catolicismo oficial romano.

As congregações religiosas decidiram criar para o povo novos centros de devoção. Em sua maioria, esses santuários foram construídos nos centros mais populosos e servia para atender a classe média. Ali, as manifestações religiosas eram organizadas e controladas pelos próprios religiosos. Na medida em que reprimia ou desestimulava as romarias populares tradicionais, o clero promovia freqüentes peregrinações a Roma, a Terra Santa, a Lourdes, com participação exclusiva das classes abastadas.

De 1920 a 1960, assistimos ao cenário de grande ofensiva da Igreja contra a romaria popular, ou segundo expressão usada, “cruzada para a recristianização das romarias”. A partir dessa estratégia, começaram a ser revalorizados pela hierarquia católica, os santuários de devoção popular. Alguns deles foram elevados pela Santa Sé à categoria de basílicas e Nossa Senhora Aparecida foi proclamada, pelo Romano Pontífice, a padroeira do Brasil.

A Congregação do Santíssimo Redentor chegou ao Brasil em 1895 instalando sua sede na cidade de Juiz de Fora - MG, que na época pertencia à jurisdição eclesiástica da então Diocese de Mariana. De proveniência holandesa¹⁷, esses redentoristas tornaram-se grandes parceiros do bispado local, contribuindo com a organização da Igreja e a evangelização popular. A manutenção dos dogmas católicos, o fortalecimento da doutrina da Igreja e a obediência ao sumo pontífice foram elementos condicionantes nas missões redentoristas em defesa de uma Igreja tridentina reafirmada no Concílio Vaticano I.

A vinda da Ordem Redentorista ao Brasil se deu especialmente por conta das romarias populares, de forma muito particular as romarias de *Nossa Senhora Aparecida*, em São Paulo, e *Divino Pai Eterno*, em Goiás. A missão redentorista objetivou-se controlar o catolicismo popular presente nas romarias e desta forma, conseguir a fidelidade dos romeiros católicos às doutrinas oficiais romanas.

Atualmente, conta com cerca de 600 missionários, distribuídos em nove unidades, que são cinco Províncias: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Goiás e Campo Grande, e quatro Vice-Províncias: Recife, Fortaleza, Manaus e Bahia.

A Província de Campo Grande atua nos Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, cuidando de paróquias, santuários de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Campo Grande e de Curitiba e de Nossa Senhora do Rocio, em Paranaguá, rádios e também uma equipe especialmente engajada para o trabalho com As Santas Missões Populares.

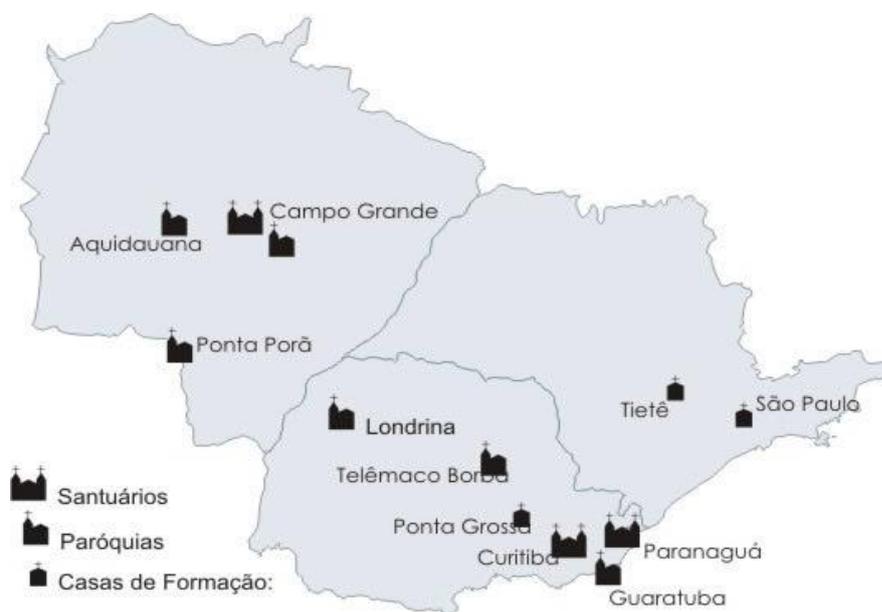


Imagem 1: Mapa da Província de Campo Grande: Estados do MS e do PR
<http://www.redentoristas.org.br/UserFiles/Image/Fotos/cgrande.jpg>

O santuário de Nossa Senhora do Rocio, a padroeira do Paraná



Imagem 2: Festa de Nossa Senhora do Rocio.

http://www2.cnbbs2.org.br/ImgGallery/albums/Festa_Nossa_Senhora_do_Rocio_2002/DSC00843.JPG

A primeira igreja foi edificada em 1813. Nesta mesma época se oficializou a primeira Festa de Nossa Senhora do Rocio. O seu atual Santuário data de 1920 (Imagem 2) (VITOLA, 1992, p. 10).

A história do santuário remonta ao século XVII e os primeiros relatos acerca da devoção, datam de 1850, ano em que Antonio Vieira dos Santos escreveu *Memória Histórica da Cidade de Paranaguá*:

Na costeira chamada de rocio, por ser de terreno propriamente dito e pertencente aos bens do Conselho, até a entrada do Rio Emboguaçú, nesta costeira coberta de mangais, apareceu uma nova capela dedicada à milagrosa imagem de Nossa Senhora do Rosário do Rocio, a quem os povos paranaguenses e outras partes tributam grande devoção e anualmente se faz aqui uma grande romaria e festividade em um domingo do mês de novembro. [...] (SANTOS apud VITOLA, 1992, p. 5)¹⁸.

É também de Santos, o relato acerca da “descoberta” da imagem: “a Imagem miraculosa do Rocio foi encontrada na rede de Pai Berê e que este rezava com seus vizinhos o terço toda noite” (IDEM). A imagem foi encontrada nas margens da Baía de Paranaguá.

N. S. do Rocio era invocada para curar recorrentes surtos de “pestes” que assolavam Paranaguá, desde o século XVII; em 1686 era a chamada “bicha”, em 1901 um surto de peste bubônica, em 1918 a gripe, em 1926 novamente a peste bubônica ((VITOLA, 1992, p. 7-9).

Um dos primeiros registros imagéticos da procissão em louvor a Nossa Senhora do Rocio data de 1897 e podemos perceber sua importância pelo expressivo número de pessoas que dela participavam (Imagem 3). Também em 1902, há o registro da procissão (Imagem 4).



Imagem 3: Procissão de N. S. do Rocio em 1897. Acervo IHGP. Disponível em: http://api.ning.com/files/aa3rmQt8wqNN3w5r*aPbtoIUEYj3ub0LoBcRCBSMIEIvrGDVWtwZ0gpynpkI0Q7-TDdZDtJdcWTPAeMgLINNnJ-T6zinyKp*/100nsrocio00.jpg?width=737&height=488. Acesso em 08/02/2012.



Imagem 4: Procissão em homenagem a N. S. do Rocio, em Paranaguá-PR.

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-YAUGHONrmmM/TfqmZyBDQqI/AAAAAAAAA7M/msxOs8n79-I/s400/Rocio.jpg>. Acesso em 05/02/2012.

De devoção local a devoção estadual, Nossa Senhora do Rocio foi proclamada Padroeira Perpétua do Estado do Paraná no dia 11 de março de 1977 e o Monsenhor Vitola assim se expressou:

O DECRETO, protocolo CD 768/77 da Sagrada Congregação para os sacramentos e o culto Divino, declara em nome do Papa Paulo VI, Nossa Senhora do Rosário do Rocio eleita Padroeira do Paraná, junto a Deus. O Protocolo fez-se acompanhar de Breve Apostólico (carta) com data de 30 de julho de 1977, assinada pelo Cardeal João Villot, Secretário de Estado do Vaticano, declarando Nossa Senhora do Rocio Padroeira do Paraná para o presente e futuro, "ad aeternum" (VITOLA, 1992, p. 16).

Em 1999, pela Lei n. 12814/99, o Santuário de N. Sra. Do Rocio foi considerado Polo Turístico Religioso¹⁹ e atualmente figura como o terceiro maior em número de romeiros, do Brasil.

O Santuário passou a ser administrado pelos Redentoristas em 1964, mas a Congregação já tinha a posse da Paróquia de N. Sra. do Rosário de Paranaguá desde 1945. Atualmente, o santuário recebe aproximadamente 500 mil pessoas durante o período de Festa da Padroeira, de 06 a 16 de novembro.



Imagem 5: Cartaz da Festa do Rocio em 2011.

Disponível em: <http://www.servidordifusora.com.br/festa/images/stories/outdoor-rocio-2011-01ok.jpg>
 Acesso em 10/11/2011

A programação da festa inclui as práticas devocionais com o lazer. De acordo com o site do Santuário²⁰, a programação de 2011, a 198ª edição (Imagem 5), foi a seguinte: as novenas que ocorreram diariamente às 06h, 09h, 18h e 19h. As missas também são diárias e seus horários são 06h, 08h30 e 19h. As procissões se especializaram a tal ponto que no dia 06 ocorreu a 1ª “procissão ciclística” 5ª “procissão motorizada” pedindo Paz no Trânsito e a 8ª “procissão marítima” pela Baía de Paranaguá no dia 13 de novembro, a Procissão da Festa de Nossa Senhora acontece no dia 15 de novembro, o dia da Virgem. No dia 16 aconteceu a Procissão Solene Festiva de Retorno de Nossa Senhora do Rocio, pois segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora deve retornar a Gruta. Além da programação religiosa, os turistas encontraram, praça de alimentação, parque infantil e cerca de 240 barracas de roupas, brinquedos, presentes, lembranças, artesanato e comércio em geral. À noite, o público pode conferir a apresentação de bandas do litoral paranaense.

Nesse processo a Padroeira do Paraná aceita todas as formas de manifestação do devoto; como forma de devoção, as pessoas que o visitam acendem velas, fazem pedidos, deixam mensagens de agradecimentos pelo milagre recebido e rezam. Se o santo tiver uma capela ou uma *sala de milagres*, são deixados *ex-votos* (objetos em gesso ou cera representando a parte do corpo curada, fotografias, chupetas e outros objetos), que representam a efetivação do milagre alcançado. Esta manifestação também pode ser identificada nos santuários oficiais da Igreja católica, como é o caso, por exemplo, do Santuário de Aparecida e sua *Sala dos Milagres*.

Numa comunicação ritual com o sagrado, o gesto materializa a fé, dando-lhe visibilidade, como se comprova em diferentes atos de piedade, por vezes, de relações íntimas, diretas e pessoais, em orações feitas ajoelhadas, pelo oferecimento de flores, velas, objetos variados, placas votivas e ex-votos, ou ainda, aquelas de caráter mais coletivo como as festas, as procissões e as peregrinações.

Moscovici (1990)²¹ avalia que os devotos destas práticas sentem que os santos se engajam a favor deles nas dificuldades cotidianas: doenças, problemas familiares, assuntos de amor, desemprego, endividamentos, entre outros. Por isso, o fiel sem qualquer mediação sacramental ou clerical estabelece uma relação contratual com o santo, não importa se oficial ou oficioso, em vista da obtenção de uma graça ou benefício, uma vez que os devotos recorrem a quaisquer argumentos para justificar sua fé, ainda que tenha que driblar os eventuais controles da Igreja. Para tanto, valem simpatias, gestos mágicos, orações, tudo com a intenção de transformar a alma dos mortos em intermediários para a solução dos mais variados problemas. A contrapartida é o reconhecimento e a gratidão.

Michel de Certeau opõe o tático ao estratégico; opõe o institucional ao devocional. O desempenho do estratégico requer a presença de um sujeito ou sujeitos com um projeto global, um oponente claro e um controle sobre o terreno de onde se há de produzir a confrontação. Ao contrário, o universo do tático, "essa atemporal arte dos mais fracos se caracteriza pela ausência do projeto, de um espaço próprio para a confrontação ou de uma totalização do oponente". São "modos de fazer", afirma esse autor²².

Transportando essa tensão para as formas da religiosidade, observamos que sob uma aparência passiva, na realidade elas se mostraram inventivas e criadoras. Uma produção racionalizada, expansionista e barulhenta não anulou os espaços próprios de recepção, de usos e de interpretação.

A experiência religiosa popular não cumpriu, portanto, um destino *iluminista* que previa o seu final com o triunfo da razão, da urbanização e da modernidade. Ela se reatualiza com experiências vividas de incontáveis maneiras e que estão presentes no cotidiano sob formas variadas, descontínuas e surpreendentes²³.

As festas brasileiras em devoção aos *milagrosos santos* continuam atraindo multidões que chegam em romarias a pé, de carros ou em modernos ônibus. Há uma vivência do religioso em íntima conjugação com o cultural, possibilitando muitas vezes a recuperação da própria identidade.

Subjacente ao desejo de festejar, corre uma visão de mundo intrinsecamente ligada ao mistério da graça almejada e dos milagres pedidos pela intercessão dos santos e garantidos pela promessa que obriga a colocar a festa nas ruas, afirma Marlise Meyer²⁴. A festa, a dança, o canto, o som das violas são as formas pelas quais se materializa a devoção, inequívoca, unindo os elementos sagrados e os profanos.

A religiosidade católica permaneceu viva em amplas camadas da população, nos subterrâneos religiosos que não entendiam o latim, mas que continuaram entoando-o nas trezenas em louvor a Santo Antônio ou no *mês de Maria*, repetindo as ladainhas, numa circularidade entre a cultura erudita e a cultura popular.

Continuou presente, no devocionário de todos aqueles que encontram no divino um alento para o seu sofrimento e uma esperança para seus desejos. O sentido da vida, do trabalho, do amor, da família, da morte, que para muitos brasileiros está ligado a um campo simbólico religioso, faz com que populares, cujas clivagens culturais não são coincidentes com sua estratificação social, sejam refratários a distinguir o sagrado do profano, relutando em separar o que para eles sempre fora uma homenagem completa e ambivalente²⁵.

Ao buscar uma identidade homogeneizante caracterizada pelo controle das devoções nos santuários, o catolicismo confrontou-se com a própria diversidade e, diante da inexorabilidade do plural, reconheceu a necessidade de estabelecer novas práticas e modelos culturais, mesmo como armas contra outras religiões que vinham assediando o seu rebanho. O santuário de Nossa Senhora do Rocio é um exemplo disso, pois a devoção se alia à festa, a missa no interior da Igreja se alia às promessas pagas com pedaços do corpo em cera ou gesso.

Numa sociedade como a nossa, as mudanças ocorrem com uma velocidade vertiginosa e a violência, o anonimato, o isolamento, o distanciamento, a concorrência e as relações sociais se apresentam carregadas de impessoalidade. O sentimento de vulnerabilidade do homem se apresenta como paisagem cotidiana e a crença no poder do milagre enquanto ato do santo atribui sentido ao sem sentido, como certeza ou garantia de proteção e salvação.

Ao mesmo tempo em que privatiza, há na religiosidade uma tendência à comunidade, ao grupo, necessidade de se unir a outros que falam a mesma língua e vivem em conjunto a presença de Deus. O homem religioso acaba por definir estratégias de convivência (CERTEAU, 1982)²⁶, para transitar entre uma sociedade que o oprime para outra que o beneficia. Concordo com Michel de Certeau, ao afirmar que “uma verdade aparece como aquilo através do que o grupo se defende; é o que o grupo faz, sua maneira de representar, de

difundir e de centralizar o que é.”(1982, p. 133). Diante desse panorama, a romaria sintetiza esse aspecto individual/coletivo de crenças e práticas que caracterizam a religiosidade católica brasileira.²⁷

Concluindo, minha proposta neste artigo foi a de apresentar algumas possibilidades de abordagem da história local a partir do culto aos Padroeiros, especificamente as manifestações da Virgem Maria. Neste sentido escolhi a devoção a Nossa Senhora do Rocio, Padroeira oficial do Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, S. R. A romaria enquanto manifestação da religiosidade católica. In: Terezinha Oliveira. (Org.). *Religiosidade e Educação na História*. 1 ed. Maringá: EDUEM, 2010, v. 1, p. 115-130.
- AZZI, Riolando. As Romarias no Brasil. In: *Revista de Cultura Vozes*. Religiosidade Popular na América Latina. Petrópolis, Ano 72, Vol LXXIII, Maio 1979, nº 4, pp 39-54.
- BAÊTA NEVES, Luiz Felipe, *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Colonialismo e Repressão Cultural, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978.
- BOXER, C. R. *A Igreja e a expansão ibérica (1440 - 1770)*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BRANDÃO, Carlos R. "El rastro de la mirada". In: *Escenarios de lo Sagrado*. Antropologia. Madri, n. 40, outubro, 1995, p.16
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- _____ *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.
- COELHO DIAS, Geraldo J. A> A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, IV, 1987, p. 227-253.
- COSTA, Rui Afonso da e COSTA, Hamilton. *Tendências evolutivas da piedade popular: modelos de secularização e clericalização*. Centro de Cultura Universidade Nova Lisboa, Portugal, s.d., 24p. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/modelos.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2009.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Por una sociología de las nuevas formas de religiosidad: algunas cuestiones teóricas previas, In: GIMÉNEZ, G., *Identidades religiosas y sociales en México*: México: IFAL-IIS; UNAM, 1996. p. 23-46.
- INSTITUTO TEOLOGICO DE VIDA RELIGIOSA. *Maria em los institutos religiosos*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1988.

MACHADO, Sirlene. *Nossa Senhora do Rocio. A Padroeira do Paraná*. Paranaguá, PR: CNBB – Regional Sul II, 2002, p. 38.

MARIZ, Cecília Loreto. Aparições da Virgem e o fim do Milênio. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.35-53, out 2002.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MOSCOVICI, S. *A Máquina de fazer Deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SANABRIA, Fabián. Las últimas apariciones de la Virgen en Latinoamérica: una lectura antropológica. *Revista Colombiana de Antropología*. Volumen 37, enero-diciembre 2001, p. 60-89.

SANCHIS, Pierre. *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 2, 2001, p. 379-395.

_____. Virgem Mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo. In.: *Tempo*. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v.6, nº 11, jul. 2001. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001, p. 91.

VITOLA, Mons. Vicente. *Nossa Senhora do Rocio. Breve notícia histórica*. Curitiba: Governo do Paraná; Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

ZANON, Frei Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes: orações e história de 260 títulos marianos*. São Paulo: Paulus, 2005.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Imagem 1: Mapa da Província de Campo Grande: Estados do MS e do PR

Disponível em: <http://www.redentoristas.org.br/UserFiles/Image/Fotos/cgrande.jpg>

Acesso em 10/11/2011.

Imagem 2: Festa de Nossa Senhora do Rocio.

Disponível em:

http://www2.cnbb2.org.br/ImgGallery/albums/Festa_Nossa_Senhora_do_Rocio_2002/DSC00843.JPG Acesso em 10/11/2011.

Imagem 3: Procissão de N. S. do Rocio em 1897. Acervo IHGP. Disponível em:

http://api.ning.com/files/aa3rmQt8wqNN3w5r*aPbtoIUEYj3ub0LoBcRCBSMIEIvrGDVWt wZ0gpynpkI0Q7-TDdZDtJdcWTPAeMgLINNnJ-

T6zinyKp*/100nsrocio00.jpg?width=737&height=488. Acesso em 08/02/2012.

Imagem 4: Procissão em homenagem a N. S. do Rocio, em Paranaguá-PR.

Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/->

YAUGHONrmmM/TfqmZyBDQqI/AAAAAAAAA7M/msxOs8n79-I/s400/Rocio.jpg.

Acesso em 05/02/2012.

Imagem 5: Cartaz da Festa do Rocio em 2011.

Disponível em: <http://www.servidordifusora.com.br/festa/images/stories/outdoor-rocio-2011-01ok.jpg>. Acesso em 10/11/2011.

ANEXO I

VIRGENS PADROEIRAS – MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Padroeiras	Município	Total
Nª Srª Aparecida	12/10 Abatia, altamira do Paraná, arapongas, barra do jacaré, Barracão, Boa esperança do Iguaçu, Boa vista da aparecida, Campina do Simão, Cascavel, Congonhinhas, Cruzmaltina, Diamante d'oeste, Diamante do sul, Douradina, Francisco Alves, Icaraíma, Iguaraçu, Inácio Martins, Itaguajé, Itaipulândia, Leópolis, Janiópolis, Loanda, Luiziana, Mandaguari, Mercedes, Ouro verde do oeste, Paraíso do norte, Pinhalão, Porecatu, Primeiro de maio, Quatiguá, Rio bom, Salto do lontra, Tapejara, Terra roxa, Três barras do Paraná, Turvo, Uraí.	39
Nª Srª da Conceição Aparecida, Nª Srª Conceição, Imaculada Conceição, Imaculada Conceição de Maria	(08/12) Agudos do sul, Almirante Tamandaré, Alvorada do sul, Borrazópolis, Campo magro, Cantagalo, Carambeí, Florai, Ipiranga, Jataizinho, Jussara, Mamborê, Mangueirinha, Missal, Palmeira, Palmital, Porto barreiro, Rio branco do Ivaí, Santa mariana, São jorge do patrocínio, Teixeira soares, Tomazina, uniflor; (móvel) Quedas do Iguaçu	24
Nª Srª de Fátima	13/05 Alto paraíso, Amaporã, Cianorte, Coronel domingos soares, Cruzeiro do Iguaçu, Cruzeiro do oeste, Flor da serra do sul, Guaraniaçu, Jardim Olinda, Marialva, Maripá, Nova cantu, Nova Fátima, Pérola, Quarto centenário, Serranópolis do Iguaçu.	16
Nª Srª das Graças	(31/05) Cambará, Nossa Srª das Graças, Santa Fé. (25/09) Centenário do sul (16/11) Itambé (27/11) General Carneiro, Maria Helena, Piên, Tuneiras do Oeste. (08/12) Barbosa Ferraz, Engenheiro Beltrão, Sarandi.	12
Santa Ana Nª Srª Sant'Ana	(26/06) Sapopema (26/07) Anahy, Castro, Laranjeiras do sul, Pitanga, Paulo Frontin, Ponta Grossa, Santana do Itararé.	8
Nª Srª da Glória	15/08 Francisco Beltrão, Itaúna do sul, Ivaté, Maringá, Novo itacolomi, Quatro pontes.	6
Nª Srª do Rosário	(07/10) Ariranha do Ivaí, Colombo, Paranaguá, Rosário do Ivaí. (08/10) Floresta	5
Nª Srª do Rocio	(08/09) Ivatuba (15/11) Jardim Alegre, São Manoel do	4

N ^a Sr ^a do Rosário do Rocio	Paraná, Tapira	
N ^a Sr ^a de Lourdes	11/02 Apucarana, Planalto, Paranacity, Tupãssi	4
N ^a Sr ^a da Luz	08/09 Clevelândia, Curitiba, Espigão Alto do Iguaçu, Irati	4
N ^a Sr ^a do Carmo	16/07 Assis Chateaubriand, Pranchita, Xambê	3
N ^a Sr ^a das Dores	(08/09) Tijucas do Sul, (15/09) Jaboti, Marilândia do Sul	3
N ^a Sr ^a do Bom Sucesso	(02/02) Guaratuba (08/12) Bom Sucesso do Sul	2
N ^a Sr ^a Mãe de Deus	(01/01) Presidente Castelo Branco (15/08) Juranda	2
N ^a Sr ^a dos Remédios	(27/10) Tibagi (30/10) Araucária	2
N ^a Sr ^a Perpétuo Socorro	(27/06) Telêmaco Borba (23/07) Adrianópolis	2
N ^a Sr ^a da Guia	08/09 Boa esperança, Cerro Azul	2
N ^a Sr ^a do Sagrado Coração	31/05 Capanema, Nova Esperança do Sudoeste	2
N ^a Sr ^a de Belém	02/02 Guarapuava, Reserva do Iguaçu	2
N ^a Sr ^a dos Navegantes	(15/08) Porto Rico. (móvel) Guaíra	2
N ^a Sr ^a da Salete	(19/09) Braganey, Capitão Leônidas Marques	2
N ^a Sr ^a Rainha	(22/08) Atalaia	1
N ^a Sr ^a Consolata	(20/06) Cafelândia	1
N ^a Sr ^a da Piedade	(02/02) Campo Largo	1
N ^a Sr ^a da Paz	(31/05) Ibiporã	1
N ^a Sr ^a do Pilar	(15/08) Antonina	1
N ^a Sr ^a do Amparo	(15/08) Rio Branco do Sul	1
N ^a Sr ^a Auxiliadora	(24/05) Colorado	1
N ^a Sr ^a das Candeias	(02/02) Goioerê	1
N ^a Sr ^a de Caravaggio	(26/05) Matelândia	1
N ^a Sr ^a Medianeira de Todas as Graças	(31/05) Medianeira	1
N ^a Sr ^a do Porto	(08/09) Morretes	1
N ^a Sr ^a do Bom Parto	(22/01) Nova Prata do Iguaçu	1
N ^a Sr ^a da Boa Esperança	(13/05) Pinhais	1
N ^a Sr ^a da Assunção	(15/08) São Mateus do Sul	1
N ^a Sr ^a Mãe da Igreja	(01/01) Saudade do Iguaçu	1
N ^a Sr ^a do Monte Claro	(26/08) Virmond	1
Natividade de N. Senhora	(08/09) Santa Maria do Oeste	1
Imac. Cor. de Maria	(08/06) Marquinho	1
Divina pastora	(08/12) Ourizona	1
40		164

Autora: Solange Ramos de Andrade. Setembro de 2010.

¹ ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

² HERVIEU-LÉGER, Danièle. Por una sociología de las nuevas formas de religiosidad: algunas cuestiones teóricas previas, In: GIMÉNEZ, G., *Identidades religiosas y sociales en México*: México: IFAL-IIS; UNAM, 1996. p. 23-46.

³ ZANON, Frei Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes: orações e história de 260 títulos marianos*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 6.

⁴ Provavelmente a partir do século XIII.

-
- ⁵ COELHO DIAS, Geraldo J. A. > A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, IV, 1987, p. 227-253.
- ⁶ INSTITUTO TEOLOGICO DE VIDA RELIGIOSA. *Maria em lós institutos religiosos*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1988.
- ⁷ MARIZ, Cecília Loreto .Aparições da Virgem e o fim do Milênio. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.35-53, out 2002.
- ⁸ SANCHIS, Pierre. *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- ⁹ COSTA, Rui Afonso da e COSTA, Hamilton. *Tendências evolutivas da piedade popular: modelos de secularização e clericalização*. Centro de Cultura Universidade Nova Lisboa, Portugal, s.d., 24p. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/modelos.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2009.
- ¹⁰ SANABRIA, Fabián. Las últimas apariciones de la Virgen en Latinoamérica: una lectura antropológica. *Revista Colombiana de Antropología*. Volumen 37, enero-diciembre 2001, p. 60-89.
- ¹¹ CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.
- ¹² COELHO DIAS, Geraldo J. A. A Devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Revista da Faculdade de Letras*, III Série, IV, p. 227-253, 1987.
- ¹³ SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Virgem Mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo. In.: Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v.6, nº 11, jul. 2001. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001, p. 91.
- ¹⁴ SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 2, 2001, p. 379-395.
- ¹⁵ BAÊTA NEVES, Luiz Felipe, *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Colonialismo e Repressão Cultural, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978.
- ¹⁶ AZZI, Riolando. As Romarias no Brasil. In: Revista de Cultura Vozes. Religiosidade Popular na América Latina. Petrópolis, Ano 72, Vol LXXIII, Maio 1979, nº 4, pp 39-54.
- ¹⁷ Vale dizer que além dos redentoristas holandeses, inicialmente radicados em Juiz de Fora, outros missionários de procedência alemã instalaram-se na cidade de Aparecida - SP, onde atualmente existe uma província autônoma coordenadora do Santuário de Aparecida.
- ¹⁸ VITOLA, Mons. Vicente. *Nossa Senhora do Rocio. Breve notícia histórica*. Curitiba: Governo do Paraná; Secretaria de Estado da Cultura, 1992.
- ¹⁹ MACHADO, Sirlene. *Nossa Senhora do Rocio. A Padroeira do Paraná*. Paranaguá, PR: CNBB – Regional Sul II, 2002, p. 38.
- ²⁰ Disponível em: <http://www.servidordifusora.com.br/festa/> Acesso em 10/11/2011.
- ²¹ MOSCOVICI, S. *A Máquina de fazer Deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- ²² CERTEAU, Michael de. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 49.
- ²³ BRANDÃO, Carlos R. "El rastro de la mirada". In: *Escenarios de lo Sagrado*. Antropologia. Madri, n. 40, outubro, 1995, p.16
- ²⁴ MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 186.
- ²⁵ SANCHIS, Pierre. Op.cit., p.155.
- ²⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da historia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- ²⁷ ANDRADE, S. R. . A romaria enquanto manifestação da religiosidade católica. In: Terezinha Oliveira. (Org.). *Religiosidadsolane e Educação na História*. 1 ed. Maringá: EDUEM, 2010, v. 1, p. 115-130